

# CHECHÊNIA: A DESMODERNIZAÇÃO DA RÚSSIA

## CHECHNYA: DEMODERNIZATION OF RUSSIA

Paulo Edson Alves Filho\*

### CHECHÊNIA: A DESMODERNIZAÇÃO DA RÚSSIA

Esquecida pela mídia e isolada do mundo externo pelo atual governo russo, a Chechênia ainda não superou seus incontáveis e graves problemas sociais e econômicos. Localizada no extremo sul da Federação Russa, a ex-república autônoma da União Soviética ganhou as manchetes dos principais veículos de informação do planeta há pouco mais de uma década, com a eclosão de violentos conflitos entre a milícia local e soldados russos.

O atual presidente Ramzan Kadyrov herda a liderança de uma nação destruída por duas invasões russas, por anos de corrupção, por uma alta taxa de desemprego e com um dos maiores níveis de pobreza entre as unidades federativas ligadas à Rússia. Apesar de Kadyrov afirmar que o país goza de paz e prosperidade, fontes imparciais (SEIERSTAD, 2008; GILLIGAN, 2010) mostram que a realidade na região não condiz com o que é dito pelo líder. Tanto a situação atual da Chechênia quanto o próprio discurso de Kadyrov podem ser justificados se analisarmos o contexto da relação, extremamente conturbada, deste povo do Cáucaso com os russos nos últimos quase dois séculos.

Desde a chegada do general Yermolov às planícies caucasianas do norte, no século XIX, foram muito poucos os períodos os quais os *Vainahks* (ancestrais dos chechenos e inguchétios) puderam desfrutar da paz, da terra e do meio de vida que lhes pertenciam anteriormente. Czares e bolcheviques avançaram sobre as terras dos nativos, destruindo lavouras e aldeias. Eles, por sua vez, revidaram com emboscadas, geralmente comandadas por líderes militares islâmicos.

---

\* Prof. Dr. pela USP/SP. Prof. na Uniso - Universidade de Sorocaba. Rod. Raposo Tavares, km 92,5 CEP 18023-000 – Sorocaba/SP. E-mail: paulo.alves@prof.uniso.br

Em fevereiro de 1944, Stalin ordenou a deportação de chechenos e inguchétios à Sibéria, alegando que haviam colaborado com os nazistas.

O exílio forçado, o qual, recentemente, o Parlamento Europeu classificou como genocídio, viria a ser o problema mais agudo até, então, causado pelos russos. Estima-se que 30% da população deslocada tenha perecido durante a viagem de 3 semanas - em vagões usados para conduzir gado - e no primeiro ano de exílio.

Os exilados tiveram permissão para retornar, apenas em 1957. Somente nesse ano, mais de 50.000 famílias o fizeram. As décadas seguintes assistiram a uma reorganização da república e relativa prosperidade. (TISHKOV, 2004, p. 34-35)

Seguindo o exemplo de outras 15 repúblicas soviéticas, a Chechênia proclamou seu desligamento da Rússia durante o esfacelamento da União Soviética. Entretanto, como a antiga Constituição da União Soviética somente oferecia este direito às repúblicas da União (como, por exemplo, a Ucrânia) a Chechênia - por ser uma república autônoma - teve sua reivindicação frustrada, pelo menos no âmbito legal. Foi exatamente esse dispositivo que o governo russo usou para advogar seu controle sobre a Chechênia.

Um novo tratado, que deveria ter entrado em vigor em agosto de 1991, previa que todas as repúblicas da agonizante União Soviética teriam os mesmos direitos, independentemente de serem ou não autônomas. Entretanto, por fatalidade do destino, o golpe conflagrado entre os dias 19 e 21 daquele mês, selando o fim da União Soviética, fez com que a Chechênia perdesse a oportunidade de conseguir sua secessão por meios legais.

A entrada de Boris Ieltsin na presidência da Rússia trouxe consigo a promessa de democracia e direitos humanos assegurados, assim como a rejeição à herança soviética. Pelas suas palavras, atrocidades como as ocorridas em Tbilisi, em 1989, ou como o massacre de armênios no Azerbaijão (entre 1988 e 1990), não se repetiriam.

Foi acreditando nas intenções do presidente russo que os chechenos tentaram diplomaticamente obter sua independência e agendar, sem sucesso, uma reunião entre Ieltsin e o autoproclamado primeiro presidente checheno, o ex-general soviético Dzokhar Dudayev.

Dudayev, apesar de nascido na Chechênia, passara boa parte de sua vida fora da república e somente voltou para tomar - de maneira violenta - a liderança das mãos do então líder comunista da república autônoma chechena-inguchétia, Doku Zavgayev, em setembro de 1991. Liderados por Dudayev, militantes do Partido Popular Checheno invadiram a sessão do Supremo Soviético, declararam-no dissolvido e assassinaram (atirando pela janela de seu gabinete) o líder do Partido Comunista de Grozny, Vitali Kusenko. Após essas manobras, os insurgentes declararam o governo vigente checheno-inguchétio nulo.

Sob a administração autoritária de Dudayev, o país mergulhou em um caos crescente. Entre outras medidas heterodoxas, Dudayev anistiou todos os presos da república, convidando-os a participar de sua milícia. De acordo com o jornalista britânico Anatol Lieven (1999, p. 67), em muitos aspectos, “o comportamento de Dudayev parodiava o do ditador Ghadaffi”. As negociações Moscou-Grozny se tornavam gradativamente improváveis: os constantes ultrajes proferidos por Dudayev a Ieltsin minavam as oportunidades de uma solução pacífica ao impasse político e abriam caminho para um desfecho catastrófico.

Em 1996, Mintimer Shaimiyev, presidente da Tartária, fez a seguinte observação:

“No momento da visita a nossa república [tártara], em 1994, presidente Ieltsin estava quase pronto para negociações [com a Chechênia], a exemplo das conduzidas com a Tartária, mas foi lhe dito que Dudayev o insultava. ‘Como posso encontrá-lo, se ele me insulta?’ - rebateu Ieltsin.” (LIEVEN, 1998, p. 68)

Além disso, as negociações diplomáticas entre os líderes já estavam fadadas à falência, devido ao enorme desinteresse por parte da administração de Ieltsin. (LIEVEN, 1999, p. 68). A falta de habilidade de Ieltsin e Dudayev acarretaria trágicas consequências tanto a russos quanto a chechenos, culminando com a brutal invasão a Grozny e a cidades chechenas pelo Exército Vermelho.

Jornalistas e correspondentes tiveram livre trânsito na zona de guerra. Seus registros de batalhas - iniciadas em meados de 1994 e intensificadas no primeiro semestre de 1995 - serviram como provas das atrocidades cometidas pelos dois lados. Atônitos, a Rússia e o mundo assistiram ao esfacelamento da capital chechena por pesados bombardeios, civis indefesos serem exterminados em massa e à captura fácil dos despreparados soldados russos em emboscadas nas ruas e vielas de Grozny. Em muito pouco tempo, a opinião pública encampou um forte sentimento de repúdio à guerra e uma simpatia comedida pela resistência chechena, pressionando Ieltsin a decretar cessar-fogo em abril de 1996. Entretanto, o estrago a sua imagem já estava consumado: ele não era mais o mito democrático em que muitos haviam apostado no início de sua gestão.

No ano de 1996, após o assassinato de Dudayev e em meio à destruição e ao caos, a Chechênia teve novas eleições presidenciais. O moderado Aslam Maskhadov, ex-porta-voz de Dudayev, que havia atuado em tentativas de negociações de paz durante o conflito, assumiu o comando da república em outubro e assinou o acordo de paz com Ieltsin em maio do ano seguinte.

Entretanto, o documento não refletia a volátil realidade da república, que vivia uma guerra fria pontual, nem esclarecia se a Chechênia, a partir de então, seria autônoma ou independente. O mundo ocidental, considerando os conflitos no Cáucaso como problemas internos da Rússia, fez vista grossa à calamidade em que o cotidiano checheno havia mergulhado. Não obtendo auxílio externo, a Chechênia foi forçada a recorrer ao mundo mulçumano.

Sua economia estava arrasada. As reservas do Banco Nacional da Chechênia diminuía vertiginosamente, enquanto a incidência de roubos, de negócios ilegais com petróleo - recurso abundante na república - e a prática intensa de sequestros por insurgentes e bandidos aumentavam. Muitos militantes chechenos não manifestavam interesse em cessar o uso de armamentos. Um dos mais ativos, Shamil Basayev, foi indicado por Maskhadov como vice-primeiro-ministro no início de 1997, na tentativa de unir o fragmentado e complexo quadro político.

Em 1998, Basayev abandonou prematuramente o posto e rompeu definitivamente com Maskhadov, tornando-se seu pior inimigo e alegando que Maskhadov era complacente com a Rússia. Como agravante à desorganização do país e ao irreconciliável quadro administrativo, os militares russos, prevendo um novo conflito armado na região, realizavam vendas lucrativas e ilegais de armas aos chechenos.

No último dia do ano de 1999, o ataque militar a Grozny foi mais planejado, mais controlado, muito mais sangrento e desproporcional em relação ao de 1994-1995.

A enfraquecida estrutura física e social da república deteriorava-se ainda mais, deixando claro que o recém-empossado primeiro ministro russo e mentor da ofensiva, Vladimir Putin, paradoxalmente, não considerava a Chechênia como pertencente à federação russa e, muito menos, os chechenos como compatriotas - apesar de reiterar exatamente o contrário. Em vez de impor a ordem civil, restaurar a flagelada infraestrutura e fornecer assistência à população, Putin preferiu bombardear Grozny em campanhas aéreas e garantir que as baixas no exército russo não fossem tão escandalosas como na primeira investida.

Evidências de que Putin considerava, sem distinção, todos chechenos inimigos, terroristas e bandidos, não faltavam. Entre elas, o escandaloso fato de 250.000 civis, que tentavam evitar o iminente bombardeio, simplesmente não terem sido informados antecipadamente pelo exército russo sobre as possíveis rotas de fuga. Ficaram sujeitos a engrossar a cifra de vítimas fatais, que, em 2002, já passava da casa dos cem mil.

Conforme Gilligan observa, “os russos adotaram para si uma estratégia de mínimo risco, enquanto para a população era de máximo risco.” (2010, p. 36)

Esta segunda grande investida russa, no início do milênio, empurrou Maskhadov novamente à atividade guerrilheira nas ruas e ruínas de Grozny. Em 2000, após a tomada da capital pelos russos, refugiou-se nas montanhas.

Em julho, a liderança política da Chechênia voltou a ser da Rússia. Putin indicou um ex-subordinado de Maskhadov e traidor do movimento insurgente, Akhmad Kadyrov, como presidente da república. Por sua vez, Kadyrov alegou ter se aliado ao Kremlin, por não concordar com a onda de wahabismo (ordem extremista muçulmana) que ganhava força entre os guerrilheiros chechenos.

Se, no conflito armado de 1994-1996, a motivação para luta dos chechenos era seu nacionalismo, neste segundo, entre 1999 e 2000, ela tinha cores de guerra santa, a *Jihad*, para alguns dos milicianos. Outras facções, como a liderada por Maskhadov, simplesmente lutavam pela preservação da segurança do cidadão comum.

O governo de Kadyrov durou poucos meses. Em maio de 2004, o líder foi assassinado durante uma celebração cívica em Grozny, e Putin não tardou em preencher seu cargo com o próprio filho de Kadyrov, Ramzan.

O governo de Ramzan, que se estende até os dias atuais, é considerado por muitos como tirânico e propagador do medo, para a manutenção da ordem social. O líder é frequentemente acusado de desrespeitar direitos humanos básicos e assume, publicamente, que alguns assassinatos que comanda é vingança pela morte de seu pai.

Em plena atuação na Chechênia, os Kadyrovski (homens pertencentes a sua força de segurança) escolhem, abduzem e torturam aleatoriamente supostos “terroristas” ou “insurgentes” e deles tentam extrair confissões - frequentemente forjadas.

Tal conduta, repudiada na maioria dos países democráticos, tem seu nascedouro no macabro processo de desmodernização que a Chechênia tem atravessado nos últimos 15 anos.

## DESMODERNIZAÇÃO

Anomia, termo cunhado pelo filósofo francês Jean-Marie Guyau e popularizado por Emile Durkheim em seu trabalho “O Suicídio” (1897), faz referência à inexistência de metas ou ao esfacelamento da identidade individual e grupal em uma sociedade que sofre transformações intensas. Com a destruição de valores tradicionais, um vácuo se instaura e a participação dos indivíduos não é nem consciente, nem marcada pela sua identidade nos processos sociais.

A situação extremamente mutante que os chechenos têm enfrentado nas últimas décadas reflete exatamente esse pressuposto de Guyau. A Chechênia de hoje abarca uma sociedade que, em sua maioria, não desfruta mais de elementos básicos das sociedades modernas, tais como moradia, emprego e infraestrutura urbana, além de valores subjetivos capitais, como o senso de civilidade e equilíbrio emocional.

A escritora finlandesa Asne Seierstad, que acompanhou o cotidiano da capital chechena em 2007, para produzir sua obra “The Angel of Grozny” (2008), fornece um

retrato elucidativo de uma sociedade e uma nação desmodernizadas. Segundo ela, a Grozny de hoje se assemelha a “um cenário de filme”. Os prédios das principais avenidas têm fachadas novíssimas, mas escondem interiores ociosos, sem luz, sem água ou calefação. Conforme a autora, basta circundá-los, para notar que toda a vizinhança é formada por ruínas e destroços. As casas têm plásticos nas janelas, que cumprem o papel de vidro. Seus habitantes, na maioria desempregados, convivem cotidianamente com o medo e com a violência - doméstica e externa. (SEIERSTAD, 2008, p. 138-139)

Este conjunto paradoxal da composição urbana de Grozny está intimamente ligado a um ‘estilhaçamento da modernidade’ - para usarmos a expressão do sociólogo Alain Touraine (1999, p. 37). Esse estilhaçamento, em última instância, remete a uma transformação radical dos elos e instituições sociais que, por sua vez, mina a capacidade de uma comunidade em se auto-organizar.

O estilhaçamento da modernidade na Chechênia não é apenas decorrente da transformação, mas, também, da velocidade na qual ela ocorre. O passo em que a transformação ocorre faz com que a sociedade falhe em acompanhá-la. (TISHKOV, 2004, p. 14)

Entre as mudanças mais gritantes durante a crise, destaca-se o êxodo em massa de pessoas capazes de implementar uma agenda moderna para as estruturas econômica, política, administrativa, educativa e social do país. A elite intelectual e profissional chechena abandonou a república durante os conflitos, deixando-a nas mãos de pessoas incapacitadas.

Segundo Tishkov, o país só não mergulhou no caos completo, face às violentas ofensivas sofridas, porque a sociedade conseguiu, mesmo que precariamente, preservar as células básicas da família e de pequenos grupos autônomos. São exatamente esses grupos que mais delatam a desmodernidade e anomia que caracterizam a sociedade chechena atual: seus indivíduos são profundamente afetados e comprometidos pelas mortes, pelas separações, pelas mutilações, pela perda de bens e por um estado psicológico coletivo extremamente distorcido, decorrente de fortes traumas. (2004, p. 14)

## **A MANUTENÇÃO DA DESMODERNIDADE**

Desde o início da segunda invasão da Chechênia em 1999, o Kremlin afastou a imprensa e observadores internacionais da zona de combate e conseguiu, em parte, evitar o enorme fiasco propagandístico que tanto afetou a imagem de Ieltsin quatro anos antes. Putin tentou imprimir o rótulo de “guerra ao terror” ao seu plano de ataque e assim se travestir de defensor do ‘mundo civilizado’ contra ‘terroristas

bárbaros', prontificando-se a ser parceiro confiável do Ocidente e a colocar em prática seu projeto de europeização da Rússia. Mesmo isso custando a vida de dez por cento e o êxodo de metade da população chechena, estimada em um milhão de habitantes pouco antes da primeira invasão.

O referido ataque foi, também, motivado pela invasão do Daguestão impetrada pelo miliciano Basayev e pelas explosões em blocos de apartamento em Moscou, que deixaram um saldo de 200 mortos. Sem comprovar a autoria dos atentados na capital russa, o Kremlin se apressou em apontá-la como chechena. Esses eventos ocorreram no segundo semestre de 1999, meses antes do fatídico 31 de dezembro, quando Grozny foi pesadamente bombardeada por artilharia aérea.

Por promover a caça a terroristas na Chechênia, a Rússia foi bem recebida como membro da nova coalizão antiterror, liderada por Bush. Putin obteve relativo sucesso em sua estratégia de se aproximar da Europa. Quanto à possibilidade de se estabelecer um tribunal aos moldes do de Haia para Chechênia, referente aos abusos cometidos contra civis, Yevgenii Voronin, porta-voz do Ministério das Relações Exteriores da Rússia, a classificou como "absurda", pois "a Rússia tem um sistema judiciário e ninguém pode impedir o país de exercer o direito soberano de administrar a justiça em seu próprio território."

Frustrada, também, foi a apelação feita pela organização internacional *Human Rights Watch* a Tony Blair, para que auxiliasse a implantação de uma investigação por órgãos externos das inúmeras violações promovidas pelo exército russo na Chechênia. O então primeiro-ministro britânico se esquivou, afirmando que "a Rússia tinha o direito à autodefesa". (GILLIGAN, 2010, p. 165)

A essência desmantelada da Chechênia atual está escondida atrás das fachadas novíssimas de avenidas de Grozny. É composta por uma população arredia, desprotegida e mantida sob forte controle militar de Ramzan Kadyrov e os *Kadyrovski*. Ela não é mais uma ameaça a Moscou. Com o aniquilamento dos principais líderes secessionistas - como Basayev, Maskhadov e Dudayev - o discurso de Putin se alinha ao de outros países que travam a guerra antiterror. É cada vez menos criticado, pois grande parte dos que o fizeram foram assassinados, como é o caso da jornalista russa Anna Politkovskaya - assassinada em Moscou, em 2006 - e o da ativista chechena de direitos humanos Natalia Estemirova - morta em Grozny, no ano passado. Elas e outros poucos corajosos sempre lutaram para levar a tribunais internacionais o regime e o abuso desumano aos quais a população chechena está sujeita.

Como seria previsível, a desmodernização da Chechênia extrapola o âmbito social. No campo econômico, ela está estampada no exorbitante índice de desemprego atual (70% da mão de obra capaz) e no frágil cenário das atividades profissionais e industriais de centros urbanos, como Grozny ou Gudermes (KIRILENKO, 2010). A

população agrária vive em extremas condições de pobreza e, pelo menos em uma situação, uma relação de semi escambo pode ser aferida na Chechênia: funcionários de um dos maiores hospitais de Grozny, o Hospital Municipal no. 9, têm recebido parte de seus salários em galinhas, criadas em granjas estatais.

O setor industrial está arruinado e não há perspectivas de recuperação a médio prazo. As investidas bélicas da Rússia destruíram todo o parque industrial (composto principalmente por usinas petrolíferas de refino e produção de maquinário agrícola).

De acordo com Semyon Rasin, diretor da organização humanitária *International Medical Corps*, existem negociações para a instalação de uma fábrica de cimento no vilarejo de Duba-Yurt, mas isso é apenas “uma gota no oceano”. A república teve um crescimento industrial insignificante de 0,9% no ano de 2009 (KIRILENKO, 2010).

Segundo o economista e político russo Grigory Yavlinsky (2002), a economia de mercado da Rússia como um todo não consegue atender à maioria da população. O sistema econômico russo é incapaz de preservar o sistema educacional e previdenciário e de manter a infraestrutura habitacional ou pública. A república chechena, entre as mais problemáticas da Federação Russa, após anos de retaliação, inevitavelmente acaba sendo a cristalização da forma mais aguda da desmodernização que a Rússia atravessa.

## REFERÊNCIAS

- BABCHENKO, Arkady. **One soldier's war**. New York: Grove Press, 2007.
- BANCHIK, Nadezhda. **Uprising in the chechnya ghetto**”. Disponível em: <http://www.antiwar.com/orig/banchik1.html>. Acesso em: 18 de fev. 2010.
- CAMPANA, Aurelie. **The massive deportation of the chechen people**. Disponível em: [http://www.massviolence.org/The-Massive-Deportation-of-the-Chechen-People-How-and-why?artpage=1#outil\\_sommaire\\_0](http://www.massviolence.org/The-Massive-Deportation-of-the-Chechen-People-How-and-why?artpage=1#outil_sommaire_0). Acesso em: 18 de jan. 2010.
- CHARNY, Israel. **Anatomia do genocídio**. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 1998.
- CHECHENS and ingush mark anniversary of stalin's deportation. Disponível em: [http://www.jamestown.org/programs/ncw/single/?tx\\_ttnews\[tt\\_news\]=4754&tx\\_ttnews\[backPid\]=169&no\\_cache=1](http://www.jamestown.org/programs/ncw/single/?tx_ttnews[tt_news]=4754&tx_ttnews[backPid]=169&no_cache=1). Acesso em: 3 de fev. 2010.
- CHECHNYA: the dirty war. Direção e produção: Marcin Mamon e Mariusz Pilis. IST Film, 2005. 1 DVD (48 min.).
- DURKHEIM, Émile. **O suicídio: estudo da sociologia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- GAMMER, Moshe. **The lone wolf and the bear**. Pittisburgh: UPP, 2006.

GILLIGAN, Emma. **Terror in Chechnya**. Princeton: Princeton University Press, 2010.

HONKASALO, Pirjo (Dir.). **3 rooms of melancholia**. Finlândia: Millenium Film, 2004. Produzido por: Kristiina Pervilä / Millennium Dil. Roteiro: Pirjo Honkasalo. 1 DVD (85 min).

KIRILENKO, Anastásia. **Semyon rasin: Chechnya needs investments not only into construction**. Disponível em: <<http://chechnya.eng.kavkaz-uzel.ru/articles/12589/>>. Acesso em: fev. 2010

LIEVEN, Anatol. **Chechnya: the tombstone of the Russian power**. New Haven: Yale University Press, 1999.

POLITKOVSKAYA, Anna. **A small corner of Hell**. Chicago: UCP, 2003.

SEIERSTAD, Åsne. **The angel of grozny**. Philadelphia: Basic Books, 2008.

TISHKOV, Valery. **Chechnya: Life in a War-torn Society**. Los Angeles: UCP, 2004.

TOURAINÉ, Alain. **Poderemos viver juntos?** Petrópolis: Vozes, 1999.

YAVLINSKY, Grigory. **Demodernization**. Disponível em: <<http://www.eng.yabloko.ru/People/YAVL/04-1102.html>>. Acesso em: 13 fev. 2010.